“Quem conta a minha história? ” - Reflexões sobre um projeto em curso

Daniela Valle de Loro, autônoma

Christophe Dorkeld, autônomo

Palavras-chave: Memória indígena. Processos museológicos comunitários. Inventário participativo. Museologia social. Povos indígenas.

RESUMO

O Projeto “Quem conta a minha história? ” tem por objetivo salvaguardar e valorizar memórias coletivas através da constituição, conservação e valorização de pequenas coleções patrimoniais nas escolas da Reserva Indígena de Dourados/MS. Voltado para alunos a partir de 11 anos e professores Guarani, Kaiowá e Terena, o projeto, em curso desde outubro de 2018, tem permitido aos professores indígenas e à equipe refletir sobre processos museológicos e sobre os mecanismos capazes de provocar rupturas no silenciamento e atualizar processos de transmissão da memória e do conhecimento dentro das famílias extensas. Estas são algumas das questões suscitadas ao longo do processo, cuja relato pretendemos apresentar.

Mots-clés: Mémoire autochtone. Processus muséologiques communautaires. Inventaire participatif. Muséologie sociale. Peuples autochtones.

RÉSUMÉ

Le projet “Quem conta a minha história?” (“Qui raconte mon histoire?”) a pour objectif de sauvegarder et valoriser des mémoires collectives au travers de la constitution, de la conservation et de la valorisation de petites collections patrimoniales dans les écoles de la Réserve Indigène de Dourados, dans l’Etat du Mato Grosso do Sul. Ciblant des élèves à partir de onze ans et des professeurs Guarani, Kaiowá et Terena, le projet, en cours depuis octobre 2018, a permis aux professeurs indigènes et à l’équipe de réfléchir à des processus muséologiques et à des mécanismes capables de rompre le « silenciamento » et d’actualiser les processus de transmission de la mémoire et du savoir au sein même des familles. Nous présentons ici quelques-unes des questions soulevées tout au long de ce processus.

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Este texto foi concebido para a apresentação oral e tem, portanto, características típicas da oralidade, que foram mantidas nesta versão escrita. Trata-se de um relato de processos em curso, dos quais extraímos, por enquanto, questionamentos muito mais que análises. São esses questionamentos e relato que escolhemos compartilhar no grupo de trabalho “Memória, patrimônio e processos museológicos comunitários entre Povos Indígenas nas Américas”.

Mba'echapa

Nakeyeyé

Bom dia!

Gostaria de agradecer à Eliete da Silva Pereira e ao Alexandre Gomes pelo convite para estar aqui hoje. Agradeço também, na pessoa do Suzenalson Kanindé, aos integrantes da Rede Indígena de Memória e Museologia Social, que organiza, entre outros eventos e movimentos, o Fórum Nacional de Museus Indígenas. Foi no Fórum de 2016 realizado em Pernambuco que este projeto nasceu. A semente dele surgiu na terra dos Kapinawá junto a representantes de outras 31 etnias que ali estavam reunidas. Meus sinceros agradecimentos à Rede e também ao Projeto Historiando[364].

É com muita alegria que eu venho hoje apresentar o projeto “Quem conta a minha história? ” Realizado na Reserva Indígena de Dourados com o financiamento principal do Programa Rumos Itaú Cultural[365].

364 GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. Projeto Historiando: inventários participativos e musealização do patrimônio cultural em comunidades indígenas no Ceará. **Musas** – Revista Brasileira de Museus e Museologia, Instituto Brasileiro de Museus, Brasília, n. 8, p. 72-96, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/10/revista-musas-n8.pdf>. Acesso em 17 ago. 2019.

365 O Projeto “Quem conta a minha história?” visa a salvaguardar e valorizar memórias coletivas através da constituição de uma coleção patrimonial na Reserva Indígena de Dourados/MS. Voltado para alunos a partir de 11 anos e professores Guarani, Kaiowá e Terena das escolas da Reserva, o projeto consiste em fornecer métodos e acompanhamento

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Foto1©QCAMH

Legenda: Projeto "Quem conta a minha história?"

Mas ontem, ouvindo as falas do Suzenalson e da Silmara, percebi algo importante. O nome do projeto tem um problema... não é "quem conta a minha história", mas "quem conta a *nossa* história". Então assim que chegar em Dourados vou conversar com os professores e propor a mudança do nome.

Eu vou apresentar algumas informações sobre o projeto, algumas reflexões sobre o processo formuladas pela equipe do projeto e pelos oito professores das escolas indígenas com quem trabalhamos.

A Reserva de Dourados foi criada em 1917 com a área de 3.600 hectares para abrigar inicialmente 40 famílias das etnias Guarani Nhandeva (autodenominada Guarani), Guarani Kaiowá e, posteriormente, da etnia Terena. Remoção forçada de populações e confinamento, esses são os termos técnicos para descrever as ações do Estado brasileiro, consideradas crime contra a humanidade.
Hoje vivem na Reserva cerca de 15 mil pessoas, sendo a segunda maior Reserva indígena periurbana do Brasil. De todas as dificuldades que pode significar viver nesse contexto, os professores do projeto pediram que eu falasse de algo em particular: do preconceito, da discriminação e do racismo.

---

para instigá-los a criar e explorar pequenas coleções patrimoniais de objetos materiais e imateriais. A constituição dessas coleções através de métodos de inventário participativo e de pesquisa sobre a história local, além de sua conservação material e intelectual e sua difusão, é uma estratégia para propor aos jovens um espaço aberto para a criação de narrativas mais contemporâneas, no conteúdo e nas linguagens, em que eles se reconheçam. O projeto foi selecionado pelo Programa Rumos Itaú Cultural 2017-2018.

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

O racismo, eles sofrem diariamente quando vão à cidade como qualquer outro cidadão ao banco, ao hospital, ao comercio, à universidade e são tratados como cidadãos de segunda classe. “A gente é desprezada, humilhado. Dói, sabe, dói. ”

> “No radio um jornalista falou que a carroça está atrapalhando ali. Ele falou assim “eu quero viver numa cidade que só tem Ferrari: podia proibir a carroça”. Mas a carroça é a única ferramenta que a gente tem pra trazer as coisas que a gente compra la e as coisas que a gente vai vender la. ” Professor do projeto

O preconceito é sofrido na cidade mas também dentro da própria Reserva, quando o Estado, por exemplo, oferece um atendimento sem o preparo necessário e que não leva em conta a cultura indígena.

> “As vezes chega o pessoal do CRAS e vê uma família fazendo comida no chão ali no fogo. E na visão do *karai* [o não-indígena] aquilo ali é pobreza, mas não é. A gente gosta. A gente cresceu comendo assim, e comida feita assim é mais gostosa ainda. E eles tem uma visão diferente. As causas da desnutrição... é o desmatamento. Mas quem que causou isso? A gente não passava fome no passado.” Professor do projeto

O preconceito é vivido de formas ainda mais sutis e perversas, quando interiorizado:

> “Eu lembrei da fala de um aluno. Quando a gente pergunta qual é o seu sonho, eles falam “não tenho sonho”. Mas por que que não tem sonho? Não é que eles não têm sonho. Tem sonho sim, lá no fundo, tem. Todos nós temos sonho.

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

> Essa premissa que foi colocada na gente, que indígena não é capaz. E a gente tem que falar: “sim você consegue, você vai além”. Eu não quero que meus alunos tenham autopiedade. Eu não gosto, eu não quero. E o sonho, a gente tem que sonhar.” Professor do projeto

A população jovem vive de fato com muita dificuldade esse estar entre dois mundos: de um lado, o esfacelamento do mundo tradicional, e, de outro, as exigências da sociedade envolvente não indígena. Crianças e jovens, que são o futuro da comunidade e vão determinar se essa herança será ou não transmitida, vivem esse conflito interno, essa necessidade de elaborar sua herança cultural e se colocar no mundo de hoje, um mundo misturado.

Foto2©QCAMH

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Legenda : Oficina audiovisual

PROJETO

Este projeto procura então empoderar jovens e crianças ao lhes dar instrumentos para pesquisar sua própria memória, construir sentido a partir dela em conjunto com a comunidade e criar sua própria maneira de se expressar.

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

A metodologia consiste em compartilhar com os professores diferentes metodologias através de oficinas. Em seguida, eles trabalham com seus alunos, adaptando os métodos à sua realidade, de modo que os alunos sejam os principais protagonistas das ações do projeto.

Na primeira fase, as crianças foram estimuladas a pesquisar sobre a história da família junto aos mais velhos e a trazer para a escola esses lugares de memória que são os objetos, padrões iconográficos, fotos, cantos e danças, bem como as histórias e memórias ligadas a eles.

Num segundo momento, trabalhamos a conservação e a valorização das referências culturais**.** Trata-se de um período de criação e experimentação em que professores e alunos vão construir uma narrativa coletiva, fazendo uma ponte entre o elemento da cultura dos mais velhos e a realidade atual dos jovens.

FORMAÇÕES INICIAIS

De maneira prática, o projeto contou com uma oficina em novembro de 2018, intitulada *Memória, patrimônio cultural e museus indígenas* da Professora Eliete da Silva Pereira, que apresentou exemplos de trabalhos de memória realizados por comunidades indígenas no Brasil, algumas das experiências que o Suzenalson apresentou ontem, para dar a dimensão da força desse exercício de memória.

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Foto3©QCAMH

Legenda : Oficina com Professor João Paulo Vieira Neto e Professora Morena Limaverde

Em seguida em janeiro de 2019, ocorreu a formação intitulada *Inventário Participativo*, com o professor João Paulo Vieira Neto, do "Projeto Historiando", em companhia da pedagoga Morena Limaverde. Teve por objetivo propor ferramentas para a construção coletiva de pesquisa em história local e produção de inventários colaborativos das referências culturais.

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Foi realizado um trabalho de grupo, fundado na palavra e que permitiu ultrapassar tensões interétnicas e vislumbrar os pontos de contato entre essas três etnias que vivem juntas e que vivem a mesma urgência de fazer seu trabalho de memória.

Eles entenderam que seria mais eficaz fazer esse trabalho de memória juntos, de maneira colaborativa. Essa foi um etapa crucial para o processo do projeto, considerando a realidade da Reserva de Dourados.

INVENTARIO PARTICIPATIVO

A partir dessa formação, cada professor elaborou um projeto específico, adaptado à realidade de sua escola e da faixa etária do grupo escolhido para o projeto. Em seguida, o trabalho dos professores consistiu na orientação dos alunos a fazer pesquisa em casa, e, em alguns casos, proporcionar a confecção de objetos tradicionais na escola.

O instrumental específico para a pesquisa das referências culturais foi baseado no manual do IPHAN[366] (*Educação Patrimonial : inventários participativos*) que propõe fichas de informação para todos os tipos de patrimônio, material e imaterial. Os professores simplificaram as fichas para atender à realidade de seus alunos e os ajudaram a preenchê-las.

Todos relataram a pouca afinidade dos alunos com a palavra escrita em relação à facilidade que eles têm com a expressão oral.

A sensação de que o conhecimento trazido pelos alunos “não cabia na ficha” foi relatada por todos os professores, sem exceção. O conhecimento que a palavra oral pode transmitir só iria encontrar suporte adequado mais pra frente.

366 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Educação Patrimonial : inventários participativos : manual de aplicação**. Brasília-DF, 2016. 134 p.

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

RODAS DE CONVERSA

Dentro do processo de inventario participativo, as rodas de conversa representaram um divisor de águas para a maioria dos grupos. Elas permitiram aos alunos interagir com pessoas detentoras de grande conhecimento sobre a história dos povos da Reserva, sobre seu modo de vida, sobre a força dos conhecimentos tradicionais e das histórias de vida de pessoas da comunidade.

PRIMEIROS RESULTADOS

Após três meses de trabalho, todos os oito grupos conseguiram chegar a um inventário de referência culturais. O inventário é composto por fichas descritivas de objetos materiais e de manifestações culturais imateriais, acompanhadas do próprio objeto ou de algum registro (fotografia, desenho, registro sonoro ou escrito).

A amplitude do inventário varia de acordo com o grupo, em função de parâmetros como a idade dos alunos e o tema escolhido. Assim, como já era esperado, os alunos mais velhos puderam realizar pesquisas mais aprofundadas.

Quanto aos temas, a medicina tradicional ainda é usada com bastante frequência pelos moradores da Reserva. Esse tema permitiu realizar uma ampla coleção de fotografias e desenhos de plantas e seus remédios, além da troca de mudas e sementes entre os alunos. Mas, apesar da fartura de referências, muitos dos pais de alunos, professores e intervenantes comentavam que já não é mais possível encontrar tal ou tal planta, ou ainda que foi buscar a planta fora da Reserva porque ali já não há mais.

Os três grupos que pesquisaram grafismos das três etnias se depararam, ao contrário, com o grande apagamento dos significados dos padrões. Foi mesmo doloroso para algumas professoras se deparar

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

com a impossibilidade de ir mais além, de descobrir os mistérios que pairam em torno dessas referências agora alijadas de sentido. Agarraram-se então ao modo de preparação das tintas, à inscrição dos padrões no artesanato de palha, ao exercício de pintura em tecido ou na própria pele.

O Inventario participativo foi um processo de muitas descobertas sobre elementos de suas culturas, de sentidos, de significados, descobertas sobre a historia de seus ancestrais, sobre a historia do lugar onde vivem e sobre a realidade atual desse lugar. Mas também foi um processo de descobertas de lacunas, de vazios, de faltas, de perdas. E quando a pesquisa se aprofundou, apareceram algumas das causas desses vazios. Apareceram evidências dolorosas de um processo violento de silenciamento. De uma, de duas, de três gerações. Dores lembradas e dores ainda vividas.

SEGUNDA ETAPA

A esse processo de descobertas, segue-se um processo de elaboração. No mês de julho, foram realizadas oficinas para os alunos e para os professores.

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Foto4©QCAMH

Legenda : Oficina audiovisual

OFICINA AUDIOVISUAL

As oficinas de audiovisual receberam cerca de 4 alunos de cada grupo, totalizando 32 alunos.

Essas oficinas representaram uma iniciação ao vídeo, sua linguagem e sua técnica, uma descoberta da ferramenta audiovisual como um estímulo ao processo de memória e de reapropriação cultural. Ao criar um discurso audiovisual, os alunos se deram conta de que precisavam saber mais do assunto

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

sobre o qual queriam falar. Se lançaram como nunca na pesquisa, quiseram documentar os pais, os mais velhos, procuravam entender melhor o que precisavam explicar no vídeo. O que não cabia na ficha, esta sendo “inscrito” no vídeo.

Durante os dias de oficina, aconteceu um processo paralelo. No começo os alunos estavam muito tímidos. No ritual da manhã, ninguém pegava o *takua.* Mas depois eles tavam brigando pra pegar o *takua*. Ja estavam cantando alto, já estavam memorizando a letra da musica, eles mesmos querendo cantar.

> “Uma aluna disse: “a noite inteira, eu tenho essa música na minha cabeça, eu durmo eu sonho com essa música, parece que não sai. Então como não tá saindo da minha cabeça, então vamo cantar!” “Vamos cantar porque não tá saindo da minha cabeça, quem sabe cantando consegue sair”. Professor de audiovisual

A produção total foi de 11 videos criados, realizados e montados pelos alunos. Foi empoderador para eles entenderem que podem se servir de ferramentas contemporâneas para falar de sua tradição; que sua tradição não precisa ficar esquecida no passado, mas pode ser um motor para produzir algo no presente.

Percebemos o potencial dessa ferramenta, tínhamos a intuição de que poderia ser fecundo mas não podíamos imaginar o potencial transformador do audiovisual nesse contexto.

OFICINA EXPOGRAFIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Assim como para as crianças, para os professores também foi apresentada uma ferramenta de comunicação. Uma ferramenta que é conhecida, mas também é nova. Conhecida porque todos os anos professores e alunos participam da mostra cultural e apresentam seus trabalhos. Mas nova porque apresentamos o potencial do discurso expográfico: como construir um discurso, um fio narrativo, a partir de objetos, sons, historias, fotografias e, sobretudo, como, com isso, questionar o publico, provoca-lo.

Assim, os professores, tendo descoberto essa dimensão do discurso expográfico, se sentiram estimulados a comunicar o fruto de suas pesquisas. Fruto de suas pesquisas em termos que eles tem e do que não têm. Isto é, comunicar o que eles entenderam sobre sua cultura, e sobre o esquecimento, sobre o silenciamento, sobre as ameaças de perda do que se tem hoje. Eles fizeram isso, essa tomada de consciência e a curadoria da exposição, fizeram isso coletivamente, e isso da força a esse discurso e se materializa na construção da exposição.

Três etnias diferentes, cada uma com sua historia. Eles entenderam que esse trabalho de salvaguarda de sua cultura só pode se dar, para além dos antagonismos possíveis, por um trabalho colaborativo e respeitoso do outro. Ha algo comum na historia das três etnias da Reserva de Dourados, e ha uma luta comum.

Mostrar o esquecimento é também mostrar a importância de lembrar. De parar de esquecer. E de valorizar a memória que se pode ainda salvar. E é também mostrar a fonte dessa memória, aqueles que ainda a detém. Algumas dessas pessoas estiveram presentes a todas as oficinas e nas rodas de conversa, com uma presença discreta e extremamente forte. Os rezadores acompanharam esse delicado processo de tomada de consciência trazendo um elo fundamental com a ancestralidade. Despertaram a memória da espiritualidade ancestral gravada em cada um.

Foto5©QCAMH

Legenda : Nhanderu Jorge e Nhandesy Floriza

EXPOSIÇÃO

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Agora, Um grande desafio nos espera. Um grande desafio que tem sabor de novidade e entusiasmo para todos os professores e para a equipe do projeto: a criação coletiva de uma exposição com 8 professores e seus 160 alunos de 3 etnias vindos de 7 escolas e de 2 aldeias. Trata-se de algo inédito e desde já festejado pelos próprios professores, pelos rezadores, por diretores de escolas.

Trabalhar com as 7 escolas era uma escolha ética, diplomática, política. Mas o que não poderíamos prever era a dimensão simbólica que isso representaria para professores, alunos e comunidade escolar. Para eles, isso significa a oportunidade de se conhecer, de se enxergar, de interagir e construir algo juntos. E algo inédito.

> "Esse projeto trouxe pra gente a oportunidade da gente contar a historia da gente com nossos alunos. Não, por exemplo, vem um professor de longe, pesquisa e vai embora, leva tudo a pesquisa. Não, é pra ficar pra gente, e pra outras pessoas, né, que perderam. Para não se perder. Porque muita coisa a gente perdeu e essas coisas a gente quer guardar. E que a gente pesquisou, não foi fulano... a gente mesmo pesquisou junto com os alunos e com a participação da comunidade, né? E a gente vai mostrar." Professora do projeto

Foi de uma aluna, que eu ouvi a frase que mais me marcou. Perguntei a um grupo de alunos: "Vocês estão aqui no projeto, fazendo pesquisa e tal... o que vocês vão fazer com tudo isso?". Os alunos responderam "vamos passar pros outros" "vamos fazer uma palestra" "vamos fazer uma exposição" e assim por diante, até que uma jovem respondeu "a gente esta fazendo isso tudo para honrar quem a gente é".

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

CONCLUSÃO

Para concluir minha fala, gostaria de dizer que, aqui neste seminário, eu trouxe pra vocês a palavra dos oito professores do projeto:

Beatriz Cáceres, professora da EMI Ramão Martins

Fabiana Martins de Souza, professora da EMI Francisco Meireles

Geise Rodrigues Nunes, professora da EMI Agustinho

Lenilza Flores da Silva, professora da EMI Tengatui Marangatu

Nely Basilio, professora da EEII Guateka Marçal de Souza

Tayane Cavalheiro Gonçalves, professora da EMI Lacu'i

Cajetano Vera, professor da EMI Tengatui Marangatu

Cleberson Ferreira, professor da EMI Araporã

E muito me alegra poder levar até eles as contribuições que vocês quiseram dar. Muitos de vocês já participaram de processos colaborativos de museologia, de inventários participativos, de exposições coletivas, quais são as contribuições que vocês podem dar ao nosso processo, conselhos, sugestões, comentários...

Pode ser aqui no debate ou em qualquer momento durante o seminário.

E para finalizar, eu gostaria de deixar aqui o registro do que os professores do projeto me encarregaram de trazer. Eles me pediram para trazer as palavras deles que eu misturei com as da equipe durante esta fala, e pediram também pra trazer a própria língua materna deles. Foi por isso

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

que eu comecei essa fala com os cumprimentos em Guarani e sua variante Kaiowá e em Terena e é assim que eu vou terminar.

Muito obrigada,

Atima Porã,

Aguyjevete,

Ainapo yakoe.

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3